

Cinco horas da tarde. Mário termina de arrumar sua mala. Fecha o zíper, carrega-a até a sala onde estão sua esposa e os dois filhos:

“Querida, estou pronto. Vou descer e esperar lá embaixo.”

“Vou ficar morrendo de saudades... Fazia tanto tempo que você não viajava. Por que tem que ser você?”

“Na verdade, não deveria. Mas, depois daquele caso que lhe contei, o Fernandes achou melhor assim. Ele acredita que se eu estiver fora amanhã, quando tomará às devidas providências, o Lacerda não desconfiará que fui eu quem o denunciou à diretoria.”

“Você acha mesmo que tomou a atitude correta?”

“Acho não! Tenho certeza. Como gerente da empresa não poderia descobrir todas as armações feitas por um outro gerente corrupto e ficar quieto. Faço parte de uma empresa de nome internacional, trabalho com pessoas honestas, honradas e respeitadas por todo o Brasil, não poderia ficar calado e deixar que um canalha como o Lacerda suje o nome do grupo.”

“Fico preocupada, uma pessoa que tem a coragem de fazer tudo o que ele fez... Provavelmente vai querer se vingar.”

“Ele não terá como se vingar. Quando voltar, aquele safado já vai estar atrás das grades. Além do mais, ele nunca vai saber quem o denunciou. O Fernandes me garantiu.”

“Para aonde você vai mesmo?”

“Para Teresina. É uma das poucas capitais onde ainda não temos uma filial. Vou verificar as obras das futuras instalações.”

“Você já conhece a cidade?”

“Estive lá duas vezes, mas faz tempo, quando eu ainda era técnico, lembra-se? Em dois ou três dias estarei de volta.”

O interfone tocou, Vilma atendeu. Era José Mascarenhas. “O Zé está lá embaixo, amor.” Mário beijou os dois filhos, que se despediram do pai sem desviar a atenção da televisão, deu um demorado beijo em Vilma. “Amo vocês”, disse antes de fechar a porta, soprando um beijo no ar em direção à mulher.

Era um homem feliz, tinha uma linda família, uma boa casa, um excelente emprego e uma esposa maravilhosa que, aos quarenta e seis anos, ainda mantinha a mesma feição de quando a conheceu.

Mário nunca sonhou em ser rico, famoso, ou mesmo um grande executivo. Contentava-se com seu cargo de gerente técnico no grupo Camaratti e com o bom salário, que era suficiente para manter seu atual padrão de vida.

Quando criança, na cidade de Monte Alto, interior de São Paulo – de onde nunca pensou um dia sair – tivera uma vida sofrida, mas honesta.

Aprendera com o pai que a honestidade estava acima de tudo e que um homem nunca podia ser classificado pelo dinheiro ou quantidade de bens que possuía.

Até os dezesseis anos, morou no pequeno sítio com os pais. Nessa idade, por ser um dos melhores alunos do grupo escolar, conseguiu uma bolsa de estudos para cursar o Senai na capital, onde se formou em mecânica de automóveis. No final do curso, pensou em voltar para a pequena cidade de Monte Alto, mas, logo após a formatura, foi encaminhado a uma oficina pela própria escola e resolveu ficar em São Paulo. Conheceu a recepcionista de um consultório dentário que funcionava ao lado da oficina. Demorou a criar coragem e convidá-la para sair, e só depois de cinco ou seis encontros como amigos é que começaram a namorar. Foram três anos até conhecer os pais da moça e freqüentar sua casa aos finais de semana. O sogro o acolheu como um filho, também prezava pelo caráter e honestidade.

Aos vinte anos, decidiu pedir Vilma em casamento. Nunca tivera outra mulher em sua vida e tinha plena convicção de que nunca viria a ter. O pedido de casamento foi feito no momento em que Mário recebia o convite para trabalhar numa grande concessionária de automóveis. Lá fez cursos de aperfeiçoamento e dedicou-se ao trabalho de maneira exaustiva. Mesmo assim, ainda conseguia tempo para ajudar o velho Hélio nos finais de semana, dono da oficina onde trabalhara anteriormente. Ajudava-o com informações técnicas ou executando serviços de maior precisão, que exigissem maiores conhecimentos, como era o caso dos carros mais modernos. Fazia isso sem aceitar qualquer pagamento em troca, dizia que era o mínimo que podia fazer pelo amigo que lhe dera a primeira oportunidade.

Logo após o casamento, resolveu cursar a faculdade de engenharia. Trabalhava na concessionária durante o dia, estudava à noite e, mesmo com pouco tempo para se dedicar à esposa, Mário ainda continuava auxiliando seu Hélio nos fins de semana. Num sábado pela manhã, na oficina do velho Hélio, conheceu Luiz Camaratti, cliente antigo da oficina que sempre levava seu carro para pequenos reparos. Luiz admirava a maneira como Mário trabalhava, elogiava sua técnica e habilidade para mecânica. Passaram a conversar sobre carros e mecânica, Luiz sempre dava boas gorjetas, dizia que era presente.

Meses depois, num domingo pela manhã, ao retirar o carro da oficina, Luiz o convidou para uma cerveja, como fizera tantas outras vezes. Durante a conversa contou que também era mecânico por formação, mas especializado em equipamentos industriais de grande porte. Falou sobre algumas pessoas que estavam dispostas a ajudá-lo a abrir seu próprio negócio, disse que precisaria de bons mecânicos, convidou Mário para ser seu funcionário e convenceu-o de que só teria a ganhar, tanto profissional como financeiramente. Mário aceitou o desafio e foi um dos sete primeiros funcionários da Mecânica Camaratti Ltda, uma empresa especializada na manutenção de máquinas para fabricação de papel.

Durante todos esses anos, Mário nunca acompanhou a administração da empresa. Esteve sempre voltado para os serviços técnicos. Não entendia exatamente como esta crescera tanto nesses poucos anos de existência, justamente num tempo em que a maioria das empresas passava por dificuldades, mas tinha a certeza de que contribuíra muito para essa expansão. Trabalhou duro desde o começo com Luiz. Muitas vezes, virando noites, motivo pelo qual largou o curso de engenharia. Fez carreira como técnico mecânico e se tornou um dos melhores do Brasil. Alguns anos depois, com o crescimento da empresa, foi convidado por Luiz Camaratti a ocupar o cargo de chefe do departamento técnico. Quando a empresa deixou de trabalhar para as fábricas e tornou-se uma concorrente no mercado, passando a fabricar papel com suas próprias máquinas e se dividindo em vários departamentos, Luiz contratou novos executivos para ocupar os cargos de gerência, menos para o departamento técnico. Resolveu promover Mário ao cargo. A princípio ele pensou em recusar, mas foi convencido pelo patrão.

Mário era o único gerente que não possuía curso superior. Todos os outros eram formados, com duas ou três faculdades diferentes. Respeitavam seu conhecimento técnico, sua experiência, seu profissionalismo, e principalmente seu caráter, mas não se conformavam em ter na equipe de gerentes alguém sem formação superior e sem o domínio de outras línguas. Mário se dedicara a aprender bem o português, falava e escrevia corretamente. É certo que quando escrevia um e-mail ou uma carta corrigia e relia por diversas vezes, mas fazia questão de não cometer erros. Aprendera um inglês suficiente para viajar e participar de treinamentos no exterior, ou para atender um ou outro técnico europeu que vez por outra participava de intercâmbios promovidos pelo grupo Camaratti. Lia com certa dificuldade, conseguia entender para si, mas não interpretar textos ou ler para outras pessoas. Escrever em inglês era mais difícil, mesmo não conseguindo passar de frases banais, conhecia todos os termos técnicos referentes à sua profissão. Todos os outros gerentes falavam fluentemente dois ou três idiomas. De certa

forma, isso o incomodava e o fazia sentir-se diminuído nas reuniões de diretoria. Até seu amigo e subalterno Zé – que o esperava na portaria do prédio – falava e escrevia corretamente o inglês.

No caminho do aeroporto, Mário recomendava mais uma vez a José Mascarenhas que mantivesse segredo sobre a denúncia. “Zé, você é a única pessoa a quem contei sobre o que descobri. Por favor, durante esses dois dias em que vai me substituir na gerência do departamento, aja normalmente, finja que não sabe de nada. Nem para o Fernandes eu contei que você também sabia e é melhor que continue assim, não quero que você se complique ou acabe se envolvendo nisso. É melhor que ninguém da equipe técnica tenha conhecimento antes do escândalo estourar.”

“Pode ficar tranquilo, Mário, isso é coisa de cachorro grande e eu sou apenas um pequinês.”

“Você é o melhor técnico do Brasil e meu melhor amigo. Preocupe-se apenas em me substituir à altura, como você sempre fez. Confesso que você chefia tão bem a equipe que quando me ausento da empresa fico com medo de perder meu cargo.”

“Tudo que sei aprendi com você, não existe este risco.”

“Ora, ora. Nunca ouviu falar que o aluno pode superar o mestre? E isso já aconteceu entre nós. Você é o melhor. Ainda bem que a diretoria não sabe disso.”

“Você sabe que isso não é verdade. E mesmo que fosse, não tenho a menor intenção de me tornar gerente. Gosto da frente de trabalho, de pôr a mão na massa; não gosto de ficar atrás de uma mesa, fazendo a função de mola-comprimida.”

“Mola comprimida? Que história é essa?”

“É como você vive hoje, Mário. A diretoria vive pressionando de cima, cobrando resultados e exigindo cada vez mais, forçando a barra mesmo, e, de baixo, vem a pressão da peãozada, brigando por melhores salários, exigindo benefícios e cargos, dando trabalho

e sempre trazendo problemas. Então, você fica no meio disso tudo, como uma mola se comprimindo num sistema mecânico.”

“É verdade... Às vezes tenho saudades de quando era apenas um técnico.”

“Nós, técnicos, sofremos a pressão só de cima, e estamos ao nível do chão, espremidos, mas parados. Do chão não passamos, é o fim do curso-de-mola, entendeu? A diretoria sofre a pressão de baixo, mas eles têm como expandir ainda mais pra cima, e podem forçar a mola, têm sempre mais recurso de mola, entendeu? Mas é claro que eles não utilizam esse recurso, eles comprimem a mola para baixo, e quem sofre com tudo isso? A mola, ou seja, você.”

Mário chegou ao aeroporto às seis da tarde. O vôo sairia às oito da noite, teria tempo de sobra para fazer o check-in, tomar um café e ler um jornal antes de embarcar.

Enquanto isso, na sala do décimo e último andar da sede do grupo Camaratti, na Avenida Brigadeiro Faria Lima, o diretor FF recebia de porta fechada o gerente de vendas da empresa.

“Desculpe segurá-lo aqui até essa hora, Fernandes, mas a curiosidade...”

“Curiosidade? Ou medo?”

“Medo? Eu confio em você.”

“Você não tem de confiar em mim e sim o contrário. Eu sou o diretor dessa merda, eu deveria confiar em você, mas não, você me faz uma cagada dessas. Como pode deixar aquele bosta do Mário descobrir tudo? O cara agendou com a Arlete uma reunião comigo, eu adiei por três vezes, pensando que ele viria até aqui para dizer que um ou outro técnico está descontente com o salário, ou falar de um problema com cliente. Mas não, veio te denunciar. Dizer que o gerente de vendas Antônio Lacerda é um ladrão, corrupto! E você diz que confia em mim? Como eu pude confiar em você? Já pensou se isso chega ao ouvido do velho Ca-

maratti? Ele conhece o Mário desde o início da empresa, quando essa merda ainda tinha só sete funcionários. Você quer me foder com o velho? Agora que ele está falando em parar de trabalhar e se mudar para a Itália! Sou o maior acionista da empresa... Depois dele. Com sua saída vou me tornar o presidente do grupo, não que isso possa me trazer mais dinheiro, mas com toda certeza me dará ainda mais poder. Estarei no topo da cadeia alimentar, no ponto mais alto da pirâmide, ocuparei finalmente o primeiro quadrinho do organograma do grupo Camaratti. E você, se errar novamente, não estará nem no quadro de faxineiros.”

“Eu sei FF, mas também sei que você vai tomar alguma providência.”

“Não me chame de FF! Me chame de Fernandes. Quantas vezes tenho que repetir: FF só deve ser usado por você quando se referir a mim, quando estiver falando da minha pessoa para alguém, e não quando estiver falando comigo! Já tomei as providências, não porque eu goste ou confie em você, mas porque fui obrigado. Se essa merda vem à tona, suja pra todo mundo, inclusive pra mim. Espero que isso não se repita.”

“Certo, mas pode me dizer quais são essas providências que vão manter o homem calado?”

“Se isso lhe deixa mais tranquilo, daquela boca ninguém vai ouvir mais nenhuma palavra. Agora suma daqui, vá para casa e pense em como não errar mais daqui pra frente. Já conheceu o programa de contenção de falhas da empresa? Então, até para fazer coisa errada tem que se levar em conta a meta do Erro Zero.” Fernandes encerrou a conversa com uma gargalhada. Levantou-se pegando Lacerda pelo braço e empurrando-o para fora da sala.

Quando se certificou de que Lacerda já estava longe, Fernando Fernandes pegou o telefone e discou um número de celular em Teresina.

“Agenor? Sou eu, Fernandes.”

“Sim, seu Fernando, pode falar.” Disse a voz calma com forte sotaque nordestino, do outro lado da linha.

“Tudo certo? Conforme combinamos?”

“Tudo certo, chefe! Estou chegando ao local que te falei, já estou vendo a putinha me esperando na porta, não precisa se preocupar. Depois vou dispensar esse celular e não vou ligar mais. Só ligarei caso alguma coisa saia errado e, como isso não vai acontecer, acho que não nos falaremos mais até o senhor ter outro serviço pra mim.”

“Está certo, Agenor, faça tudo como combinamos, o próprio homem está levando seu dinheiro. Confio em você! Boa sorte.”

Agenor estacionou o Astra preto com vidros filmados - alugado na Maxxis Rent a Car do aeroporto em nome de Mário Silveira, pelo grupo Camaratti, - numa pequena travessa da Avenida Maranhão. Na frente da boate Meia-nove Drinks, uma jovem mulher loura, abriu a porta do passageiro e entrou no carro.

“Oi, amor, demorou.”

“Estou no horário. Já sabe. Faça tudo do jeito que combinamos e vai ter o seu pagamento. Você não comentou com ninguém que sairia comigo, comentou?”

“Não, claro que não. Sou profissional. Sigilo absoluto. Quando a dona Bete me perguntou aonde eu ia, falei exatamente o que você me pediu. Disse que ia sair com um bacana de São Paulo, só isso.”

“Ótimo, assim evitamos maiores problemas pro homem. É um executivo de uma grande empresa e não gosta de escândalos.”

“Só não entendi uma coisa. Se vou sair com o homem, por que tenho que dizer que sou sua mulher?”

“Você não vai dizer nada, vai responder apenas o que ele perguntar. Se perguntar... É que na verdade ele é um pervertido, gosta de transar com casais, de comer a mulher dos outros, então, pra agradar o homem, vamos fingir que somos casados, entendeu?”

“Mais ou menos...”

“Não precisa entender, deixe tudo por minha conta e faça só o que eu mandar. E não se esqueça, tenho que apresentá-la com seu nome verdadeiro.”

“Por quê?”

“Porque Michele é nome de puta.”

“Eu não gosto do meu nome verdadeiro. E Michele é um nome lindo. Puta pode ter qualquer nome, até Aparecida. Conheci uma chamada Imaculada, mas ela usava só o Macu. Isso sim era feio, parecia nome de macaco, sapo, sei lá, menos de mulher.”

“Não me interessa. Vai usar seu nome verdadeiro.”

“Só se me responder por quê?”

Agenor ficou pensativo. “Porque se o homem quiser ir para um motel vamos ter que apresentar nossas carteiras de identidade.”

“Você entrega minha identidade direto para a recepcionista. Ele não vai pedir pra ver minha foto, vai? Estou horrível naquela foto, não mostro minha identidade pra ninguém.”

“Faça o que eu mando, e só. Se quiser receber seu dinheiro.”

Agenor ligou o carro, pegou a Avenida Maranhão de volta, atravessou a Ponte Presidente José Sarney – mais conhecida como Ponte da Amizade – que separa os estados do Piauí e do Maranhão - e parou no primeiro bar que viu na cidade de Timon. Tomou duas cachaças e três cervejas. Michele tomou refrigerante e comeu sozinha uma porção de patinhas de caranguejo. Agenor pagou a conta, levou Michele até o carro, e com os vidros fechados trocou sua calça jeans desbotada e a camiseta regata por um terno e gravata recém-comprados no Shopping Riverside. As peças, ainda com as etiquetas, estavam numa das três sacolas dispostas no banco de trás. Depois, pegou uma outra sacola onde estava um vestido longo vermelho e um par de sandálias de salto da mesma cor. “Tome, vista isto.”

“Por que tenho que vestir isso?”

“Porque é minha mulher. E não uma puta, esqueceu?” Quando Michele calçou as sandálias, ele percebeu que esquecera de providenciar sapatos novos para si, mas já era tarde. O homem não ia perceber. Guardou as três sacolas no porta-malas e seguiu viagem.

Quando chegaram ao aeroporto, o relógio mostrava meia-noite em ponto. O painel anunciava a chegada do vôo TAM 3885, vindo de São Paulo com escala em Brasília. Agenor pegou a pequena placa feita à mão, com papel sulfite e pincel atômico, em que se lia “GRUPO CAMARATI.” Pediu a Michele que esperasse no carro e se dirigiu ao saguão do aeroporto Senador Petrônio Portella.

Mário passou pela porta do desembarque e logo avistou o homem com a placa levantada sobre o peito. Caminhou até ele sorridente.

“Você deve ser o Agenor, futuro gerente da filial Teresina. Muito prazer”, disse estendendo a mão.

“E o senhor é o doutor Mário Silveira, gerente técnico do grupo.”

“Mário Silveira sou eu, doutor não, estamos no mesmo barco. Sou apenas um gerente com formação técnica, muita experiência e longos anos de muito trabalho e dedicação ao grupo. Sei que a empresa ainda nem se instalou aqui, portanto, o senhor ainda não teve tanto contato conosco. Mas me permita corrigi-lo. O nome do grupo é escrito com dois tês. É o sobrenome do nosso presidente: C A M A R A T I”, soletrou Mário com sorriso amigável. “Com dois tês no final.”

“É verdade, eu sabia disso, mas estava atrasado ao sair de casa e pedi à minha filha que fizesse o cartaz. Acabei esquecendo de conferir, me perdoe.”

“Tudo bem, os filhos nunca sabem escrever o nome da empresa onde trabalhamos. Estou no grupo há vinte anos e meus filhos nem sabem ao certo o que eu faço. Essas crianças de hoje só querem saber de vídeo-game, televisão e computador.”

“Vamos, o carro está lá fora. Vou deixá-lo no hotel, amanhã teremos muito trabalho a fazer.” Agenor foi pegando rapidamente a mala e um pequeno pacote das mãos de Mário.

“Esse pacote é para você. Foi o Fernandes quem mandou.” Mário apontou o pequeno embrulho sem qualquer curiosidade.

“Ah sim! Deve ser os CD’s com as plantas da futura filial.”

“Que interessante, se houver tempo poderá me mostrar amanhã. Ele não me disse o que era.”

“Claro, claro...”

“Obrigado, fiquei curioso para ver as plantas. Fernandes não me mostrou a planta, deve ter esquecido, devia estar atarefado, como sempre.”

“Fez boa viagem?”

“A viagem foi um pouco cansativa, muito atraso em São Paulo. Preciso mesmo é tomar um bom banho e descansar, para recarregar as baterias”. Disse Mário seguindo Agenor.

Quando Agenor abriu a porta traseira do carro, Mário observou-o por um instante, estranhando o terno amarrotado, a gravata torta com nó flácido e o sapato surrado e sujo de terra. Agenor percebeu o olhar, Mário, encabulado, entrou no carro com um sorriso amarelo. Só então percebeu Michele no banco da frente.

“Mário, essa é minha esposa...”

“Michele”, disse a mulher antes que Agenor pudesse completar. Percebendo o olhar de reprovação, tentou corrigir. “Cláudia... É... Cláudia Michele, mas pode me chamar só de Cláudia. Eu e meu marido não gostamos do Michele... Coisa de mãe, sabe como é... Minha avó se chamava Cláudia e minha tia Michele... É uma homenagem.”

“Já estive em Teresina, Mário?” Perguntou Agenor enquanto beliscava a perna de Michele.

“Duas vezes, mas foi há muito tempo, quando eu ainda era técnico de manutenção.”

“O que achou da nossa cidade?”

“Para ser sincero, nas duas vezes que estive em Teresina apenas trabalhei, não conheci muita coisa; não deu tempo para sair, conhecer a cidade.”

“Teresina foi fundada em 1852. E recebeu esse nome em homenagem à Imperatriz Teresa Cristina. Foi a primeira cidade planejada do país e substituiu Oeiras como capital do estado, por sua privilegiada localização às margens dos rios Parnaíba e Poty.

O local de sua construção chamava-se Chapada do Corisco, devido à alta incidência de raios que persiste até hoje por aqui, é a terceira cidade do mundo onde caem mais raios. Acredita nisso? Costumamos dizer que aqui é a terra do sol, dos raios, da cajuína e do poeta Torquato Neto. O projeto original da cidade lembra um tabuleiro de xadrez, com ruas cruzando-se em ângulo reto.” Agenor mantinha um tom seguro. Havia decorado essa fala para usar num momento apropriado. Estudou-a por quatro dias, logo que combinara o plano com Fernandes. Achava que seria uma maneira de demonstrar sua capacidade como gerente frente ao homem que receberia em tal posição.

Mário não sabia quem era Torquato Neto. Mesmo curioso não quis perguntar. Nunca fora dado a ler poesias, nem qualquer outro tipo de literatura, suas únicas e dedicadas leituras eram os manuais técnicos e livros didáticos de mecânica, pneumática, eletro-eletrônica e recentemente a robótica e a mecatrônica.

Agenor dirigiu por vinte minutos saindo da cidade em direção à Camocim. Mário estranhou o caminho.

“Estamos saindo da cidade?”

“O hotel reservado ao senhor é um belo Hotel-Fazenda, fica um pouco distante, mas vai valer a pena.”

“Que ótimo, mas não gostaria que se preocupasse. Afinal, o motivo maior é o trabalho. Preciso relatar todas as observações da futura filial ao Fernandes e isso vai tomar tempo. Não precisava se incomodar com minha estada, eu ficaria em qualquer hotel. Sou um homem modesto, meu amigo.”

“Não se preocupe. A reserva já está feita. Foi o próprio doutor Fernandes quem indicou o hotel. Você vai descansar melhor, longe do barulho da cidade.”

“De qualquer maneira, obrigado.”

Quando começaram a descer a serra, Agenor encostou o carro na lateral da pista, com a frente para um barranco. Parou a poucos centímetros. Michele, que estava cochilando no banco do passageiro, assustou-se com a proximidade do desfiladeiro. Mário também ficou apreensivo.

“Desculpe, Mário, mas preciso fazer algo que ninguém pode fazer por mim. Estou muito apertado, espero que não se incomode. Nós homens temos essa facilidade, podemos mijar em qualquer lugar.”

“Fique à vontade”, disse Mário constrangido ao perceber o sorriso de Michele.

Ao descer do carro, Agenor soltou o freio-de-mão e, com toda sua força, empurrou-o morro abaixo. Tudo aconteceu muito rápido. Mário ainda tentou sair, mas não conseguiu. Michele gritou desesperada. O carro rolou ribanceira abaixo, capotando por mais de vinte metros. Quando parou, Agenor olhou-o por alguns instantes e desceu o barranco lentamente. Demorou quase quinze minutos para chegar ao local onde o veículo parou. O terreno era escorregadio, havia chovido durante o dia. Além disso, as árvores, pedras e a escuridão dificultavam ainda mais o caminho. Quando chegou ao local, Agenor verificou a pulsação dos dois. Michele estava morta. Mário não. Estava muito ferido e desmaiado. Agenor abriu o porta-malas com certo esforço, retirou as três sacolas e as roupas que foram trocadas por ele e Michele. Separou-as, colocando as de Michele na sacola do Shopping, junto com a nota fiscal da compra do vestido, e jogou-a de volta no porta-malas ao lado da mala de Mário. Na outra, guardou suas roupas. E da terceira sacola – agora vazia - tirou dois envelopes, um par de luvas cirúrgicas e uma garrafa de uísque Jack Daniel’s, que estava muito bem protegida por panos e uma espécie de espuma usada em travesseiros ou colchões. Além de um pequeno funil. Vestiu as luvas e com as mãos tapou totalmente a respiração de Mário por quase dez minutos, soltando-o apenas quando teve certeza de sua morte. Desrosqueou a tampa da garrafa de uísque e cuidadosamente abriu a boca de Mário. Encaixou o funil e despejou uma boa quantidade de uísque. Fez o mesmo com Michele. Depois, abriu um dos envelopes e retirou cinco papélotos de cocaína. Abriu um deles, retirou o funil da boca de Michele e encaixou-o com certo esforço numa das narinas, depositando metade

do conteúdo. Retirou o funil e fez o mesmo com Mário. Porém, dividiu o conteúdo nas duas narinas. Apanhou os outros quatro papелotes e pôs no bolso de Mário. Abriu o segundo envelope, tirou uma reserva da suíte máster no Hotel-Fazenda Caminho do mar em nome de Mario Silveira e guardou-a junto aos papелotes de cocaína no bolso do paletó de Mário. Pegou novamente a garrafa, rosqueou a tampa e com toda força atirou-a para dentro do carro. A garrafa estilhaçou no momento em que se chocou com a coluna traseira do carro. Voltou ao porta-malas, e retirou o pequeno pacote que fora entregue por Mário. Abriu-o e contou tranqüilamente, por duas vezes, conferindo as cem notas de cem reais que estavam presas em pequenos maços separados. Fez um grande esforço para fechar o porta-malas devido ao estado do carro. Retirou as luvas, guardou-as na sacola junto às suas roupas, os panos e acolchoados que antes protegiam a garrafa, e o dinheiro. Subiu tranqüilamente o morro. Quando chegou à estrada, pegou o celular e discou 190.

“Emergência, um, nove, zero.” Atendeu a voz feminina do outro lado da linha.

“Tenho uma emergência na serra de Camocim. Estava seguindo um carro, por não conhecer bem a estrada, pensei que a lanterna dele poderia me facilitar o caminho, quando percebi que o carro saiu da estrada caindo num barranco. Quase fui junto, ainda bem que sou cuidadoso e mantinha certa distância.”

“O senhor poderia nos informar a placa do veículo?”

“Infelizmente não prestei atenção.”

“Onde ocorreu o acidente?”

“Na serra de Camocim, quilômetro vinte e oito.”

“O senhor pode, por favor, aguardar nossa viatura chegar ao local?”

“Desculpe, minha senhora, mas a estrada é deserta, eu não sou daqui; tenho medo de ficar parado sozinho a essa hora da noite. A cidade anda muito perigosa ultimamente: assaltos, homicídios, latrocínios, vocês devem saber disso melhor que eu.”

“Qual seu nome e endereço?”

Agenor desligou o celular, colocando-o na sacola que carregava e se embrenhou no mato do lado contrário ao acidente, pegando o sentido que o levaria de volta a Teresina.